

volume

26/1

Dezembro/2020

ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

dossiê: História da Saúde, das Doenças e da Assistência

Esta é a primeira de duas especialidades em docas especialidades em para casamentos, baptizara casamentos, sudos e banquetes. É osados e banquetes. unica depositaria da aliancia depositaria da maada Guarana Espumantada Guarana Espu te e do eccellente chowao e do excelente lab Laeta, fabricados na Laeta, fabrican S. Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos S. nolla Leoncio & Capotta Leoncio & .J. Conditura, Braso 1914 Conditura, Bra



Hist. Rev. Pelotas Número 26/1 p.1-402 dez. 2020

ISSN 2596-2876





**Obra publicada pela
Universidade Federal
de Pelotas**

Reitor

Pedro Rodrigues Curi Hallal

Vice-Reitor

Luis Isaías Centeno do Amaral

Direção de Gabinetes da Reitoria

Taís Ullrich Fonseca

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Francisca Ferreira Michelon

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Mário Renato de Azevedo Jr.

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação

Julio Carlos Balzano de Mattos

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Otávio Martins Peres

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Sérgio Batista Christino

Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial

Pres. do Conselho Editorial: João Luis Pereira
Ourique

Repr. das Engenharias e Computação: Darci Alberto
Gatto

Repr. das Ciências Biológicas: Flávio Roberto Mello
Garcia e Marines Garcia (suplente)

Repr. das Ciências da Saúde: Francisco Augusto
Burkert Del Pino e Claiton Leoneti Lencina
(suplente)

Repr. das Ciências Agrônomicas: Cesar Valmor
Rombaldi, Guilherme Albuquerque de Oliveira
Cavalcanti (suplente) e Fabrício de Vargas
Arigony Braga (suplente)

Repr. das Ciências Humanas: Márcia Alves da Silva
e Cláudio Baptista Carle (suplente)

Repr. das Ciências Sociais Aplicadas: Carla Rodrigues
Gastaud

Repr. das Linguagens e Artes: Josias Pereira da Silva
e Eleonora Campos da Motta Santos (suplente)

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda
Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa.
Beatriz Ana Loner*

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill

Conselho Editorial:

Prof^a Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)
Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof^a. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof^a. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof^a. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editores: Angela Beatriz Pomatti, Éverton Reis Quevedo, Véra Lucia Maciel Barroso

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Théobald Chartran(1849-1907) Laennec, no Hospital Necker, ausculta um tísico na frente de seus alunos (1816) (1889), mural, Salle Péristoryle da Sorbonne.

Pareceristas ad hoc: Marcelo Vianna (IFRS) | Luciana da Costa de Oliveira (UNISINOS) | Cristiano Enrique de Brum (PUCRS) | Ana Paula Korndorfer (UNISINOS) | Marlise Maria Giovanaz (UFRGS) | Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS) | Joana Carolina Schossler (UNICAMP) | Danielle Heberle Viegas (UNILASALLE) | Micaele Irene Scheer (UFRGS) | Zingaro Homem de Medeiros (UFRGS) | Aristeu Elisandro Machado Lopes (UFPel) | Eduarda Borges (UFRGS) | Marcia

Regina Bertotto (UFRGS) | João Gabriel Toledo Medeiros (UNISINOS) | Rodrigo de Azevedo Weimer (Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul) | Jonas Moreira Vargas (UFPel) | Clarissa de Lourdes Sommer Alves (Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul) | Regina Célia Lima Xavier (UFRGS) | Leonardo de Oliveira Conedera (UDESC) | Beatriz Teixeira Weber (UFSM).

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2020/2

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online
Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

*** obra publicada em janeiro de 2021.**



Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica.
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
v.26/1, (dez. 2020). – Pelotas: Editora da UFPel, 2020.

1v.

Semestral

ISSN 2596-2876

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica.
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

DOSSIÊ: HISTÓRIA DA SAÚDE, DAS DOENÇAS E DA ASSISTÊNCIA

APRESENTAÇÃO

INTRODUCTION

ANGELA BEATRIZ POMATTI, ÉVERTON REIS QUEVEDO, VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO 8

SAÚDE TEM HISTÓRIA 12

ENTRE DIFERENÇAS E SIMILARIDADES: UM ESTUDO COMPARATIVO A RESPEITO DOS OLHARES SOBRE A “SAÚDE” E A “DOENÇA” EM “MANUAIS DE MEDICINA POPULAR”, HOMEOPÁTICOS E ALOPÁTICOS, DE FINAIS DO OITOCENTOS 13

ANDRÉ PORTELA DO AMARAL

CIRCULACIÓN, PRÁCTICAS Y MEDICINA POPULAR. EM REFLEXIÓN SOBRE EL CURANDERISMO EM EL SIGLO XIX ARGENTINO 32

ASTRID DAHHUR

“O EXERCÍCIO DE CURAR SUPÕE O HÁBITO E COSTUME DE O FAZER”: BOTICAS E BOTICÁRIOS NO OITOCENTOS NO BRASIL MERIDIONAL 45

PAULO STAUDT MOREIRA E NIKELÉN ACOSTA WITTER

SOBRE AS VIRTUDES MEDICINAIS DOS INSETOS NA OBRA *PARAGUAY NATURAL ILUSTRADO* DE JOSÉ SÁNCHEZ LABRADOR S. J. (1776-1776) 67

ELLANE CRISTINA DECKMANN FLECK

DO TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS À ENGENHARIA DE TECIDOS: A HISTÓRIA QUE TEM REVOLUCIONADO A MEDICINA E SALVADO VIDAS 90

LAURA SCHÄFER E MARIA HELENA ITAQUI LOPES

DOENÇAS E HISTÓRIAS 105

AS DOENÇAS E O ATENDIMENTO AOS ENFERMOS NOS PRIMÓRDIOS DA OCUPAÇÃO DO CONTINENTE DE SÃO PEDRO (SÉCULO XVIII) 106

ROGÉRIO MACHADO DE CARVALHO

“MUI SEÑOR MIO, DESPUES DE HAUER RECONOZIDO LAS MEDIZINAS, PARESE QUE HA ENCONTRADO DE MENOS TODO LO QUE PARESE SU PAPEL”: UM ESTUDO SOBRE OS TUMORES NO PARAGUAI COLONIAL (SÉC. XVII-XVIII) 124

BERNARDO TERNUS DE ABREU

O FENÔMENO IMIGRATÓRIO E O CONTROLE DO TRACOMA: REPERCUSSÕES DA DOENÇA 146

LEONOR C. BAPTISTA SCHWARTSMANN

PÁGINAS DE UM SABER MÉDICO: A PRESENÇA DA TUBERCULOSE EM TRABALHOS PUBLICADOS NO ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA	163
<i>BRUNO CHEPP DA ROSA</i>	
CONCEPÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EXPOSIÇÃO “GRIPE ESPANHOLA: A MARCHA DA EPIDEMIA” DO MUSEU DE HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL	186
<i>ANGELA BEATRIZ POMATTI E GLÁUCIA G. LIXINSKI DE LIMA KULZER</i>	
HISTÓRIA, MEMÓRIA E COMPORTAMENTOS SOCIAIS EM TEMPOS DE COVID-19	
<i>JANETE ABRÃO</i> 209	
“SINTO FALTA DE ABRAÇOS”: OS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA VIDA COTIDIANA DOS ALUNOS E ALUNAS DA UFPel	
<i>QUEZIA GALARCA DE OLIVEIRA, MILENA DA SILVA LANGHANZ E LORENA ALMEIDA GILL</i> 230	
INSTITUIÇÕES E ASSISTÊNCIA: TRAJETÓRIAS	240
A SUPERLOTAÇÃO DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO: IMPLICAÇÕES NA INTERNAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS ENTRE OS ANOS DE 1932 E 1937 (PORTO ALEGRE/RS)	
<i>LISIANE RIBAS CRUZ</i> 241	
ESTIGMA DA LEPROSA: O MANEQUIM LÁZARO NA EXPOSIÇÃO DO MEMORIAL DO HOSPITAL COLÔNIA ITAPUÃ	
<i>HELENA THOMASSIM MEDEIROS, JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES E DIEGO LEMOS RIBEIRO</i> 258	
A ALIMENTAÇÃO HOSPITALAR MODERNA E A (RE) PRODUÇÃO DO VIVER SOCIAL NO HOSPITAL MIGUEL COUTO EM NATAL (1927-1955)	
<i>ANDRÉ MOTA E RODRIGO OTÁVIO DA SILVA</i> 276	
A MATERNIDADE DO RIO DE JANEIRO: HISTÓRIA, ENSINO E ASSISTÊNCIA NO RIO DE JANEIRO	
<i>CAROLINE PEREIRA DAMIN PRITSIVELIS, ANTONIO RODRIGUES BRAGA NETO, ANTONIO CARLOS JUCA DE SAMPAIO, JORGE FONTE DE REZENDE FILHO E JOFFRE AMIM JUNIOR</i> 299	
CENTROS DE SAÚDE E POSTOS DE HIGIENE: NOVAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE PARA NOVAS POLÍTICAS PÚBLICAS (RIO GRANDE DO SUL, 1928-1945)	
<i>GABRIELLE WERENICZ ALVES</i> 312	
CUIDAR DE POBRES DOENTES NAS MEMÓRIAS DE ENFERMEIRAS RELIGIOSAS NA SANTA CASA DE PORTO ALEGRE (1956-1973)	
<i>VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO</i> 332	

ARTIGOS LIVRES

ENTRE COIMBRA E VILA DO PRÍNCIPE: A ATUAÇÃO DO PADRE DR. MANUEL JOSÉ DA
FONSECA BRANDÃO NA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, COMARCA DO
SERRO DO FRIO, MINAS GERAIS, 1778 A 1797

347

DANILO ARNALDO BRISKIEVICZ

348

MODELOS DE ESPACIALIDADE NA HISTÓRIA E NA GEOGRAFIA – UMA COMPARAÇÃO
ENTRE A HISTÓRIA LOCAL FRANCESA E A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NAS GERAÇÕES
SUBSEQUENTES

JOSÉ D'ASSUNÇÃO BARROS

369

(RE)ESCRITURAS NEGRAS EM PÁGINAS BRANCAS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO PROCESSO
DE PATRIMONIALIZAÇÃO DA SERRA DA BARRIGA

388

RAYANNE MATIAS VILLARINHO E ANA MARÍA SOSA GONZÁLEZ

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Instituições e Assistência: Trajetórias

Esta primeira edição especialidades em docas especialidades em docas para casamentos, baptizara casamentos, sudos e banquetes. É usado e banquetes, unica depositaria da alianca depositaria da maada Guarana Espumantada Guarana Espumante e do excellent chowcho e do excellent labi Laeta, fabricados en labi Laeta, fabricados S. Paulo pelos Srs. ZúS. Paulo pelos Srs. nolla Loureiro & Capotta Loureiro & J. Conditura, Braso 1924 Conditura, Braso

Esta primeira edição especialidades em docas especialidades em docas para casamentos, baptizara casamentos, sudos e banquetes. É usado e banquetes, unica depositaria da alianca depositaria da maada Guarana Espumantada Guarana Espumante e do excellent chowcho e do excellent labi Laeta, fabricados en labi Laeta, fabricados S. Paulo pelos Srs. ZúS. Paulo pelos Srs. nolla Loureiro & Capotta Loureiro & J. Conditura, Braso 1924 Conditura, Braso



CUIDAR DE POBRES DOENTES NAS MEMÓRIAS DE ENFERMEIRAS RELIGIOSAS NA SANTA CASA DE PORTO ALEGRE (1956-1973)

CARING FOR THE POOR AND ILL IN THE MEMORIES OF RELIGIOUS NURSES IN
SANTA CASA OF PORTO ALEGRE (1956-1973)

Véra Lucia Maciel Barroso¹

Resumo: A segunda Faculdade de Enfermagem criada no Rio Grande do Sul, em sua capital, é do ano de 1956. Situada na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, a iniciativa foi da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. As religiosas, atuando no Hospital Geral, desde 1893, percebendo as limitações da enfermagem protagonizada por mulheres, na condição de “práticas”, que no cotidiano iam cuidando dos pobres na Misericórdia da capital, ousaram oferecer formação científica na ciência do cuidado. Este trabalho contempla oralidades registradas com Irmãs que atuaram no processo criatório e de ensino na Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia Madre Ana Moeller, no mais antigo hospital do Estado. Trata também dos desafios que enfrentaram na Instituição, especialmente nos momentos de intermitentes crises e muitas carências no atendimento aos pobres.

Palavras-chave: Enfermagem. Santa Casa de Porto Alegre. Irmãs Franciscanas. Pobres doentes.

Abstract: The second School of Nursing established in the capital of Rio Grande do Sul is from 1956. Located in the Holy House of Mercy (Santa Casa de Misericórdia) of Porto Alegre, the initiative was established by the Congregation of the Franciscan Sisters of Penance and Christian Charity. The religious sisters who had been working at the General Hospital since 1893 and took care of the poor in the capital's Misericórdia daily, realized the limitations of nursing carried out by women in healthcare “practices” and dared to offer scientific training in healthcare science. This work contemplates oral testimonies from the sisters who established and taught at the School of Nursing and Obstetrics Madre Ana Moeller in the oldest hospital in the State. It also addresses the challenges they faced at the institution, especially in times of crises and hardship for the service of the poor.

Keywords: Nursing. Santa Casa de Porto Alegre. Franciscan sisters. The poor and ill.

A Santa Casa de Porto Alegre é o mais antigo hospital de sua cidade e do Rio Grande do Sul. Criada em 19 de outubro de 1803, sua edificação teve início no ano seguinte. Todavia, a construção ficou estacionada por alguns anos, animando a reunião de “homens bons”, em 1814, na Irmandade de Nossa Senhora da Misericórdia para impulsionar a continuidade da obra, com as duas primeiras enfermarias inauguradas em 1º de janeiro de 1826. Atravessou o século XIX, cumprindo com sua responsabilidade social voltada a diversos proveres, dentre eles: na doença – hospital; na morte – cemitérios de livres e de escravos; na velhice – um asilo para idosos; na loucura – uma enfermaria para doentes mentais; no abandono infantil – a roda e a casa da roda dos expostos. No século XX, impulsionou a criação de instituições, transferindo a elas algumas de suas obras assistenciais, seguindo até o tempo presente com duas missões: a de cuidar da saúde/doença e a de acolher falecidos em seu cemitério.

A Santa Casa pautou ao longo de sua trajetória de atuação, sem cessar, o cuidado da

¹ Doutora em História/PUCRS, Historiógrafa do Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Porto Alegre. Coordenadora do Arquivo Central e do Laboratório de História Oral/CHC Santa Casa.

saúde/doença dos doentes pobres e o das outras camadas sociais. Junto aos médicos, estiveram até o final do século XIX, especialmente mulheres leigas, como atendentes de Enfermagem nas diversas enfermarias da Instituição. Todavia, a chegada das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, em 1893, reorientou o rumo do cuidado aos pacientes na Santa Casa. Ingressando no século XX, elas ousaram e demarcaram sensivelmente a história da Enfermagem no Rio Grande do Sul. Todavia, informações fragmentadas, sobre suas realizações na Misericórdia de Porto Alegre, eram até há pouco tempo o que se conhecia. Mas, felizmente, chegou o tempo de desvendar e reconhecer o papel pelas Irmãs desempenhado no cuidado dos pacientes, especialmente os pobres, ao longo dos quase cem anos que estiveram na Instituição.

Em 2018, a equipe do Arquivo e do Laboratório de História Oral do Centro Histórico-Cultural Santa Casa (CHC) foi desafiada a desenvolver um projeto para a editoração de um livro sobre a história da Enfermagem, tendo a Misericórdia de Porto Alegre como o cenário principal. A partir da contextualização internacional e nacional, mostrando os antecedentes, foi se desenhando o desempenho da Enfermagem na Santa Casa, desde sua criação, mostrando seu caráter prático/empírico, até a chegada das Irmãs, vindas da Europa. Elas trouxeram na bagagem outra concepção de Enfermagem, de caráter técnico, iniciando uma fase inovadora no trato do cuidar, no interior da Santa Casa da capital.

A realidade do hospital mudou significativamente com a atuação das Irmãs em todas as frentes de trabalho, na nova gestão por elas implantada. Mas, diante da carência de cursos de formação na área da Enfermagem, em 1951 foi criada a Escola de Auxiliares de Enfermagem São Francisco de Assis, concebida e dirigida pelas Irmãs. Não só as atendentes de Enfermagem da Casa se matricularam, como tantas outras de diversas partes do estado e de outros do Brasil buscaram sua formação na Santa Casa.

Convictas do seu papel de responsabilidade de capacitação, na antiga Misericórdia, as Irmãs ousaram e criaram, em 1956, a segunda Faculdade de Enfermagem no Estado; a primeira foi em 1950, a da atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Portanto, no interior da Santa Casa – um excelente espaço pedagógico para o exercício do novo modelo de prática da Enfermagem – tinha início a fase da profissionalização científica, não só pelo curso de Graduação ofertado, como também pelo curso de Pós-Graduação em Enfermagem e Obstetrícia criado, o que representou a alta qualificação praticada no interior dos seus hospitais.

Nas narrativas sobre a história da Santa Casa, poucas informações sobre a ousadia de criação de dois cursos no campo da Enfermagem, pelas Irmãs Franciscanas, estão retidas nos documentos textuais preservados no Arquivo Central do Centro Histórico-Cultural Santa Casa. Portanto, pela escassez de informações, não se tinha a dimensão da sua alargada representação no cenário da história da Enfermagem no âmbito regional. Impunha-se, sem demora, trazer à luz essa rica trajetória, oportunizada pelo registro de oralidades.

Então, para a editoração da obra referida, no seu segundo volume, o Laboratório de História Oral do CHC levou em frente um projeto para entrevistar profissionais da Enfermagem, protagonistas da história em escrita. Em contato com a Congregação das Irmãs Franciscanas, sediada em São Leopoldo, inicialmente foram identificadas as Irmãs que estiveram na Santa Casa atuando

como enfermeiras. A grande expectativa era encontrar as idealizadoras dos cursos de Enfermagem na Instituição. Uma delas, a única, com 94 anos, e muita saúde, foi a surpresa que animou o trabalho intensivo, entre 2018 e 2020. Outras protagonistas a ela se somaram para o trabalho de produção de fontes orais.

Mulheres religiosas e enfermeiras na Santa Casa de Porto Alegre:

As Irmãs Franciscanas, na passagem do século XIX para o XX, fizeram na Santa Casa de Porto Alegre, a transição da enfermagem empírica, exercida até então por atendentes, que aprendiam no exercício do fazer, para a enfermagem técnica, com fundamentação europeia, pois suas precursoras vindas da Europa – Alemanha e Holanda – trouxeram a modernidade no cuidado dos pacientes. A realidade hospitalar, portanto, mudou significativamente com a sua atuação. Mas, com o crescimento populacional e o aumento significativo de doentes na Santa Casa, as Irmãs perceberam a urgente necessidade de buscar capacitação para melhor acudir os pacientes, dando-lhes melhores condições de cuidado.

Em 1950, como já destacado, a Universidade do Rio Grande do Sul, atualmente Universidade Federal do Rio Grande do Sul criou o primeiro curso de graduação em Enfermagem. Mas urgia ampliar o acesso à formação, o que animou as Irmãs a criarem na Santa Casa, a Escola de Enfermagem São Francisco de Assis, para a formação de Auxiliares em Enfermagem. Não só as atendentes de Enfermagem da Casa inscreveram-se, como tantas outras de diversas partes do estado investiram em sua capacitação. Mas, elas não pararam aí. Em 1955, elas ousaram mais. Um grupo de Irmãs, após buscarem habilitação na Universidade de São Paulo, no retorno, elas criaram a Escola Superior de Enfermagem, depois transformada em Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia Madre Ana Moeller; uma homenagem a líder das Irmãs Franciscanas que vieram em missão no século XIX para o Rio Grande do Sul. Portanto, no interior da Santa Casa – um excelente espaço de aprendizagem para o exercício do novo modelo de prática da Enfermagem – iniciava-se, então, a fase da profissionalização científica, não só pelo curso de Graduação ofertado, como também pelo curso de Pós-Graduação em Obstetrícia (1967-1973), o que representou a alta qualificação praticada no interior dos seus hospitais.

Várias turmas foram formadas na Santa Casa, tanto no Curso de Auxiliares, como no de Graduação em Enfermagem, entre os anos de 1951 e 1973. Todavia, em 1974 encerraram-se as atividades de ensino dirigidas pelas Irmãs na Instituição, sendo transferida para a Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, a Faculdade de Enfermagem; o Curso de Auxiliares encerrou sua atuação em 1973.

Este breve contexto dá mostra do desafio acenado para a produção de uma obra sobre a Enfermagem na Santa Casa. É que muitos protagonistas desta história se encontram em Porto Alegre e cidades do Rio Grande do Sul, o que animou o desenvolvimento de um projeto para registrar memórias acerca desta trajetória.

Projetada em dois volumes, o primeiro tem a escrita realizada pela historiadora Elizabeth

Rochadel Torresini. O segundo é resultado do trabalho desenvolvido pela equipe² do Laboratório de História Oral do Arquivo Central, sediado no Centro Histórico-Cultural Santa Casa. Portanto, para além da escrita do primeiro volume da obra, em seis capítulos, o seu segundo volume reúne registros de oralidades de atores desta história liderada pelas Irmãs. O trabalho iniciou em 2018, com término em 2020. Foram realizadas 67 entrevistas, sendo 16 com religiosas – professoras e/ou alunas –, que somadas às 51 entrevistas registradas com leigos, vieram a constituir um banco de fontes orais, muito denso e rico, sobre o percurso da enfermagem no Rio Grande do Sul, e sua inserção no mundo ocidental.

Registrando memórias

Interessa apresentar a concepção metodológica que embasou a produção de fontes orais, através de entrevistas com enfermeiras religiosas que lecionaram e trabalharam nas enfermarias da Santa Casa, entre as décadas de 1950 e 2000.

Imagine-se, se esta oportunidade suscitada pela obra fosse perdida, conduzindo ao silenciamento ou esquecimento traços da história da Enfermagem no Rio Grande do Sul, por não se registrar memórias de profissionais que têm muito a narrar, mas ameaçadas de sua perda pela faixa etária em que se encontram? Abrir-se-ia um fosso de “amnésia histórica” irre recuperável. Felizmente, uma profícua colheita foi realizada, cujos registros estão salvos, oferecendo muitas possibilidades de análise e interpretação.

Assim para a compreensão clara do trabalho empreendido de registro de memórias, é preciso deixar claro, que, na atualidade, nunca se falou tanto, na Universidade e fora dela, da necessidade urgente de se registrar as lembranças de “velhos”, as recordações das vivências das pessoas, até mesmo de jovens, sejam elas pessoas simples, anônimas ou vultos destacados ou famosos de um lugar.

Certo é que o historiador é testemunha quando descreve a história e, também, é ator no lugar e tempo em que ele se encontra, em relação direta com o tema. E mais que isso: ele é cidadão, para além de ator, e também espectador. E daí sua estreita condição de viver o pertencimento da história e a possibilidade de mais amplamente desvendá-la e trazê-la à luz.

Na atualidade, sobretudo, o historiador do tempo recente é um criador do arquivo da palavra, ao registrar as falas dos atores sociais dos objetos que estuda e pesquisa.

Como oralista da história, sua prática deve ser seguramente conduzida por técnica cuidadosa de recolha dos depoimentos, bem como de sua análise e interpretação, para o que alerta a professora Núncia Constantino: “[...] os historiadores que utilizam fontes orais precisam ter mais algumas habilidades, porque precisam também narrar emoções, silêncios, exclamações, interrogações e risos.” É que a prática da História Oral tem uma metodologia própria e específica, e segui-la é condição de êxito do trabalho. A propósito, a historiadora carioca, Aspásia Camargo destaca: “O

² Trabalho desenvolvido, juntamente com a historiadora Edna Ribeiro de Ávila, do Laboratório de História Oral, Arquivo Central do Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Porto Alegre.

gravador é técnica, não é metodologia.” Em outro texto, ela complementa: “Nas entrevistas gravadas, a fonte histórica é o homem e sua memória, reavivada pela presença ativa do entrevistador-pesquisador.”

A constituição de um conjunto sistemático, diversificado e articulado de depoimentos que o historiador grava sobre seu objeto de estudo, seja de histórias de vida ou de ordem temática, lhe permite não só colher informações. Trata-se de um instrumento de compreensão das ações humanas e das suas relações com a sociedade organizada e as tramas da vida. E é nesta perspectiva que o projeto transitou, no sentido de capturar memórias, algumas esparsas, mas ainda latentes, de enfermeiros, sobretudo das mulheres, religiosas ou leigas que trabalharam na Santa Casa.

Dos diálogos realizados, geradores de lembranças de acontecimentos e vivências pessoais e coletivas na Santa Casa, se pode fazer um balanço sobre o cotidiano da Instituição, testemunhada pelos protagonistas, em iguais ou diferentes tempos.

O cronograma das entrevistas não foi rígido, nem na ordem (que não houve), nem na duração. Igualmente não se adotou um esquema estruturado de perguntas e respostas, e nem por isso não se perdeu o rigor científico da pesquisa diante da naturalidade do diálogo. Portanto, o roteiro foi flexibilizado para articular a espontaneidade e até a improvisação do depoente, concedendo a possibilidade de ir e vir no discurso para atender à construção de sua lógica durante a entrevista. Tínhamos claro, nas normas de conduta, nessa prática metodológica, que a surpresa da provocação reavivaria o diálogo das lembranças.

Assumimos, portanto, um papel ativo e vigilante na captura das imprecisões nas falas. Procuramos articulá-las com dados já colhidos e até interpretações divergentes presentes nos diálogos. Os roteiros abertos foram adequados aos rumos das entrevistas para que se extraíssem delas coerência e unidade no desempenho das entrevistadas.

Para a determinação metodológica do trabalho com a evocação das lembranças pela fala, têm-se muito claro e presente que ainda pairam no imaginário popular, algumas resistências acerca do uso da História Oral na pesquisa histórica. Por exemplo, alguns ainda têm dúvidas se são confiáveis as informações contidas na entrevista oral e sobre como o pesquisador neutraliza as falas da memória humana para garantir a fidedignidade dos dados colhidos. Entretanto, indiscutivelmente, na atualidade é quase unânime a aceitação de que a entrevista não é uma fonte menor de informação. Para o historiador tradicional, o documento escrito é o que tem valor, porque não é sujeito à interpretação. Mas, essa é uma falsa ideia, porque o documento escrito também sofre o mesmo processo, como alerta Aspásia Camargo. “Quem disse que uma pessoa só escreve a verdade para a outra?” E ainda enfatiza: “Ela pode estar inventando, dando informações falsas, ocultando informações, interpretando o que lhe convém.”

Como a história-realidade é infinita, nenhuma fonte isolada dá conta de permitir sua escrita. Ou seja, qualquer fonte, isoladamente, tem valor relativo. E Paul Thompson em sua clássica obra *A voz do passado: História Oral* destaca:

Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta. Se assim é porque não aproveitar

essa oportunidade que só nós temos entre os historiadores [...]. (THOMPSON, 1992, p. 197).

Como testemunhas, suas falas colhidas, suas memórias ouvidas, trazidas no ato da narrativa, foram descritas na busca da explicação do real, através da montagem dos textos das depoentes. E a cristalização do real foi configurando-se através dos diferentes depoimentos colhidos com dizeres similares e expressões idênticas. Fez-se então uma seleção das informações oferecidas na entrevista. E por tratar-se de testemunhas ouvidas de viva voz é que se pode tirar partido dessa possibilidade. Daí as fontes orais serem tão importantes quanto as escritas. Dir-se-ia mais: da História Oral podem emergir fatos, fazer falar vozes, antes mudas, ressuscitando memórias encobertas pelo silêncio.

As fontes orais permitem uma maior visibilidade na pesquisa realizada, cujas evidências do real aparecem mais nítidas, mais claras e mais concretas. Para essa possibilidade confirmada, Roberto Franck animou este trabalho: “É uma grande sorte para o historiador do presente, graças às testemunhas que interroga, poder fazer a arqueologia da memória coletiva.” (D’ARAÚJO, 1999, p. 174). E o traço mais significativo da memória coletiva é a organização ativa das experiências vividas.

Eis a riqueza dessa operação feita a partir das memórias individuais para a arqueologia da memória coletiva do cenário da trajetória da Enfermagem na Santa Casa de Porto Alegre, com vistas à potencialização da pesquisa. Assim, conforme Paul Thompson devolver-se-á às pessoas que fizeram e vivenciaram a história, um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

Toynbee, a propósito, afirmou:

O conhecimento pessoal dos fatos é de tamanha valia que se torna necessário que a História comece a ser escrita pelos que participaram dela. A ação do tempo, o enfoque da perspectiva, o amadurecimento dos homens possibilitarão, sem dúvida, uma revisão proveitosa. E, exatamente porque o estudo da História é a sua revisão constante, ela precisa começar a ser escrita com o depoimento dos seus protagonistas. Faz muito pouco tempo que os homens se convenceram de que o presente é também História. (TOYNBEE, Apud EW, 1991, p. 142).

É com esta perspectiva que, a seguir, serão trazidos ao palco recortes de memórias registradas com dezesseis Irmãs enfermeiras, sendo que para este trabalho foram selecionadas algumas possibilidades temáticas, dentre tantas que as entrevistas oferecem.

As Irmãs Franciscanas e a enfermagem científica aos pobres doentes na Santa Casa: adversidades, desafios, ousadia e superação

Adversidades, desafios, ousadia e superação expressam o percurso das Irmãs Franciscanas na Santa Casa, sobretudo no cuidado dos pobres enfermos, realizado nas enfermarias coletivas, sediadas, sobretudo no Pavilhão Cristo Redentor, um dos que compõem o complexo hospitalar da Misericórdia, atualmente com sete hospitais, estando o oitavo em construção; na época eram três hospitais e dois pavilhões.

A escuta e o registro das fontes orais com as Irmãs enfermeiras foram muito significativas. As

entrevistadas, na sua maioria, evidenciaram boa memória, estando na faixa etária entre 75 e 95 anos. Das 16, somente duas apresentaram limitações, mas as demais possibilitaram uma colheita de lembranças, extremamente rica e permeada de muitos sentidos. Alguns recortes, a seguir, se apresentam, demonstrando o papel proeminente das Irmãs Franciscanas, no contexto da história da Enfermagem no Rio Grande do Sul, a partir do cumprimento de sua missão na Santa Casa de Porto Alegre.

A carência de capacitação: adversidades e desafios

A documentação preservada no Arquivo Central do CHC Santa Casa, focada na assistência, revela para a década de 1950, a urgente necessidade de ampliação de seu quadro de enfermagem, em tempo de carência de capacitação adequada e formação de equipes de profissionais formados, inclusive dirigidos às especialidades que se afirmavam nas suas enfermarias.

A Irmã Maria Régis, uma das lideranças da “virada” científica da enfermagem na Santa Casa, lembra bem da conjuntura que então atravessavam. Entrevistada aos 94 anos, em 2018, é uma das fundadoras do Curso de Auxiliares de Enfermagem e do Curso Superior de Enfermagem na Santa Casa; as demais faleceram.

Sobre o ato criatório, ela assim recordou:

Um dia a Madre me falou: ‘Joséfina, os hospitais estão mudando e precisam de atualização. Não podemos mais mandar qualquer pessoa para cuidar dos doentes. Então, precisamos abrir uma escola.’ Na época, os médicos é que davam aulas básicas porque aqui não havia escolas de Enfermagem. Um grupo de sete Irmãs foi então a São Paulo para cursar a Faculdade de Enfermagem. [...] Frequentei essa faculdade e depois fiz Pós-Graduação em Enfermagem Cirúrgica e Administração em Unidade de Enfermagem. [...] Trabalhei e ensinei tanto na Escola de Auxiliares de Enfermagem como na Escola de Enfermagem, que tinha o curso superior. Foram duas Irmãs paulistas que inicialmente atuaram nas escolas. É que a nossa Santa Casa estava se vendo muito mal na Enfermagem; faltava o ensino.

A respeito, a Irmã Maria Lina – Elda Schneider –, que estudou e lecionou na Santa Casa conta:

A Enfermagem estava engatinhando. As Irmãs viram a necessidade de ter uma Enfermagem científica, e não improvisada. Por isso, criaram a Escola de Enfermagem, justamente no tempo em que estavam organizando os cursos no Brasil. [...] Mas havia um preconceito com a Enfermagem. Achavam que era destinada a quem não tinha muita capacidade intelectual. A história da Enfermagem no começo não foi fácil. Era exercida por pessoas com pouca cultura. Com a Florence Nightingale, a Enfermagem se tornou uma profissão. Eu me entusiasmei por ela quando li a sua história e fiquei definida pela Enfermagem.

Nas lembranças da Irmã Maria Andréa – Irene Tonello, as Irmãs Franciscanas cumpriram um papel significativo na capacitação de profissionais de Enfermagem, dirigida ao cuidado dos pobres. Disse ela:

Naquele tempo, a Santa Casa era a mãe de todos; era santa mesmo! Eu vi muita coisa bonita lá que me incentivou ainda mais a me dedicar como Irmã aos pobres. [...] Eu lembro que as Irmãs diziam: “Nós temos de fundar uma escola de Enfermagem”. Sabe o que a Provincial

fez? Mandou cinco Irmãs a São Paulo para fazer o curso. E abriram a escola. Ela deu um grande avanço na Enfermagem aqui no Rio Grande do Sul. Eu acredito que as Irmãs, ao criarem a escola, deram uma grande colaboração para o nosso estado. E havia dois cursos na Santa Casa: quem não podia fazer a Faculdade de Enfermagem, fazia o Curso de Auxiliar. As nossas Irmãs foram umas lutadoras ao criarem essa escola. Naquele tempo, eu ouvi os médicos dizerem: ‘Ah, eu gosto mais daquelas enfermeiras formadas na Faculdade Madre Ana Moeller!’. É que a Santa Casa era um campo de experiência muito grande. As alunas, nas suas práticas, ganhavam muita segurança, pois tinham as professoras por perto e eram muito exigentes. Isso se sabia!

Nesta mesma direção se colocou a Irmã Maria Adélia – Martha Utzig:

Nossas Irmãs criaram a faculdade, e era de alto padrão, como se dizia então. Elas foram fantásticas, porque viram que precisavam formar enfermeiras; fazia muita falta. As Irmãs foram verdadeiras guerreiras, indo atrás do que acreditavam e com vontade firme de preparar pessoas para poder dar assistência aos pobres. Esse era o lema da nossa congregação, desde quando chegaram as primeiras Irmãs junto com a Madre Ana Moeller ao Rio Grande do Sul, lá no século XIX. Quando viram aquele prédio da Santa Casa, se entusiasmaram, e a Madre disse que iriam trabalhar lá. E foi o que aconteceu. Meio século depois, as nossas Irmãs foram se preparar em São Paulo, a fim de formar profissionais para atender melhor os pobres.

Thereza Elvira Royr – Irmã Maria Anselma detalhou o cotidiano da sua formação na Santa Casa.

Todas as alunas da Escola de Enfermagem cuidavam dos pacientes do Pavilhão Cristo Redentor. [...] Naquela época, as luzes eram apagadas depois que todos os pacientes estavam acomodados. Então, se pegava a lanterninha e ia se olhando e controlando os doentes. Eu cansei de carregar essa lanterninha. A gente subia e descia a escada, ficava de lá para cá. Qualquer coisa, a gente ia até o corredor e batia a campainha. Nós, alunas, é que fazíamos plantão até uma hora, por aí. Depois se chamava a outra para substituir. Dormíamos um pouco e levantávamos pelas quatro e meia, cinco horas.

A Irmã Maria Régis, ao longo da sua entrevista, foi muito enfática no destaque à importância dos cursos que sua congregação criou, e a eficiente capacitação profissional que proporcionaram. Disse ela:

A Faculdade Madre Ana Moeller teve uma fama muito boa. E a Escola de Auxiliares de Enfermagem também. Os professores eram brilhantes diante dos olhos do povo. Tudo que nós demos foi o máximo que podíamos dar. Mas nós sofremos bastante. A Irmã Eunice também. Eu penso que o maior sofrimento dela foi ter de fechar a Faculdade de Enfermagem. [...] Eu não examinei os profissionais das outras instituições. Sempre ouvi dizer que os nossos alunos se davam muito bem nos hospitais, tanto os auxiliares como os superiores.

A última religiosa a dirigir a Enfermagem na Santa Casa, na década de 1980, foi a Irmã Maria Bernadete – Lucia Julita Konzen; após sua transferência, a enfermagem ganhou o *status* laico.

As Irmãs se empenharam muito para abrir essa escola. Elas a conduziram em convênio com a Santa Casa, tanto que nós, alunas, recebíamos para trabalho e para estágios. [...] O Pavilhão Cristo Redentor tem oito andares; sete deles eram atendidos pelos alunos da Enfermagem. E cada andar tinha uma especialidade. Os alunos iam realizando seus estágios nas enfermarias, para poder passar em todas as especialidades. E, de noite, também, a escola assumia o plantão noturno daquele pavilhão. Ficava-se subindo e descendo escada, correndo

e atendendo o que precisasse.

Nas memórias da Irmã Maria Vitalina – Martha Hammes, as Irmãs

[...] acertaram em fazer a Escola de Enfermagem na Santa Casa. Elas sonharam alto e foram muito longe. Muitos alunos frequentaram essa escola. Até Irmãs de outras congregações vieram estudar Enfermagem na escola de nossas Irmãs, na Santa Casa. E muitas delas até moraram no Pavilhão Cristo Redentor, lá no oitavo andar, até se formarem. Irmã Eunice, a diretora, e as que a ajudavam na escola fizeram de tudo para facilitar a quem quisesse fazer Enfermagem, tanto o Curso de Auxiliares como o Curso Superior. Quantas auxiliares de enfermagem e enfermeiras se formaram por lá? Muitas. Foi, com certeza, uma grande contribuição que nossas Irmãs deram à área da saúde.

Estes são alguns recortes selecionados das entrevistas acerca da ousadia das Irmãs Franciscanas, na oferta de capacitação na ciência da Enfermagem, não deixando escapar o reconhecimento no âmbito regional, da qualidade da formação por elas conduzida, o que é reforçado pelos alunos, em seus depoimentos. Este seria um outro trabalho interessante a ser feito.

As Irmãs e o cuidado dos pobres: dedicação ‘extrema’ ousadia e superação

A leitura dos registros das memórias das dezesseis Irmãs entrevistadas impressiona nas descrições do cotidiano de trabalho, demarcado por dedicação extremada aos pacientes pobres na Santa Casa. E nas intermitentes crises institucionais, os relatos mostram o desempenho de ousadia e superação para o atendimento aos doentes, diante de carência de toda a ordem.

O quadro da situação de muita precariedade, especialmente, nas décadas de 1960 e 1970, é assim descrito pela Irmã Maria Emerita – Ciria Rech:

Naquela época, tínhamos de lutar muito pela nossa sobrevivência. Mas nós trabalhávamos muito felizes, muito contentes mesmo. Para nós, Irmãs, não faltava nada. Tínhamos o que precisávamos. Nós estávamos acostumadas, desde crianças, a viver na miséria. É que a Santa Casa pegava todos os doentes que lá chegavam. Os corredores ficavam cheios. Não se negava doente nenhum. Então, as enfermarias estavam sempre lotadas, e havia muitos pacientes pelos corredores. Não havia outro jeito. E nós não pegávamos elevador para poupar, para economizar. [...] Quando estragava o elevador do Pavilhão Cristo Redentor, a gente enrolava com lençol os defuntos e levava na maca, escada abaixo. Com certeza, era Deus que nos dava forças para enfrentar as dificuldades! Naquela altura, todos os santos ajudavam. [...]

E a Irmã Maria Bonifácia – Ismelda Maria Freitag, sobre esse tempo, assim descreveu uma situação inusitada por ela vivida, dentre tantas, para exemplificar a realidade concreta de desafios e superações que o momento impôs.

Lembro da Enfermaria de Mulheres, quando um médico atendeu uma paciente que tinha hérnia. Era preciso colocar uma tala, e ela era pobre; não podia trazer o material. Então, o médico me perguntou: ‘A senhora tem um par de meias de náilon nova?’. Eu disse que sim. Ele então falou: ‘Me traz que vou esterilizar e amarrar na barriga da paciente’. Fiquei espantada e emocionada com a situação. Dei para ele, e a mulher saiu bem contente. [...]

As enfermeiras religiosas não tinham horário para descanso. Toda a hora era de trabalho, ainda recorda a Irmã Maria Bonifácia.

A gente ia de manhã e voltava de noite. Ficava todo o dia no hospital; só se saía para comer. Os auxiliares trabalhavam as oito horas e após podiam ir embora. Depois, ficava tudo com a gente – nós, as Irmãs. Não se perguntava por horário; estávamos sempre às ordens. Instalaram até uma campainha no meu quarto; quando precisavam, me chamavam à noite. Não havia plantão direto de noite. Assim que surgia uma urgência, eu tinha de levantar e ir correndo atender o paciente. No meu tempo, a gente tinha de fazer tudo; hoje, há pessoal para cada atividade.

As lembranças da Irmã Maria Norma – Paula Joanna Heck vão na mesma direção:

A gente colocava também colchões pelo corredor, e os doentes sentavam pelo chão. Para se chegar à Rouparia ou para se procurar um médico, tinha de se passar por cima dos doentes. É que na Santa Casa sempre havia muita gente na Portaria. [...] Não vou te dizer que era fácil ser enfermeira. Não tinha essa de ter enfermeiro de manhã, de tarde e de noite. Naquele tempo, não havia quem substituísse a gente. Se tu trabalhavas em uma enfermaria, tu eras a responsável por ela. Se acontecesse alguma coisa durante a noite, era contigo; se acontecesse pela manhã, era contigo; e, se fosse à tarde, era contigo também.

É que normalmente as enfermarias estavam superlotadas, como disse Irmã Maria Adalgisa – Thereza Eleonora Weber:

Quando cheguei, na primeira vez, a Santa Casa estava tão cheia que a gente encontrava os doentes pelo chão, no corredor, em cima de colchões. Não havia lugares suficientes para receber todos. Mas todos os pacientes eram bem atendidos, mesmo no corredor. Quando morria um, se colocava outro doente no lugar.

As condições de infraestrutura denunciavam os limites impostos às Irmãs para cumprirem a sua missão do cuidar, como falou a Irmã Maria Evanir – Irmina Maria Heck.

[...] tudo era muito precário na Santa Casa. A gente se defendia do jeito que podia. Por exemplo, temos a história dos colchões que eram de crina. Havia uma associação de senhoras que trabalhavam comigo. Nós conseguimos colchões e pudemos trocar todos eles. Foi uma festa, uma coisa grande que fizemos. A alimentação dos doentes dava dó. O café dos pacientes era um pãozinho que sobrava nas padarias, durante o dia, e era doado para a Santa Casa. No dia seguinte, ele vinha para a Santa Casa bem murcho. Outra situação era o piso do assoalho e do forro; tudo comido por cupim. Uma vez, vimos a perna de um paciente dependurada, aparecendo lá embaixo, na nossa Enfermaria. [...] Faltava lugar para os pacientes, pois as enfermarias eram superlotadas. Havia pacientes que ficaram morando na Santa Casa, pois não tinham mais uma família. Não tinham ninguém por eles, e ficavam ali até morrer. Aí, a Santa Casa fazia o enterro. [...] Então, as condições de trabalho da Enfermagem, naquele tempo, eram muito difíceis. Eu trabalhava durante todo o dia, e de noite ia para a aula. Quando eu vinha para São Leopoldo fazer retiro, parecia um paraíso; sentia um alívio daquele sufoco. Nós vivíamos com os pobres e servíamos os pobres. Eu acho que era a missão que nós assumimos como religiosas

Como Coordenadora da Enfermagem, a Irmã Maria Bernadete enfrentou múltiplas dificuldades, o que impôs a ela e à sua equipe a busca de alternativas que exigia criatividade, reconhecendo que, em algumas situações, a dor acompanhava a solução no atendimento. Disse ela:

A Enfermagem era tão primitiva! [...] Não tinha esterilizador de autoclave, nem equipos de soros prontinhos. E para fazer soro nos músculos? Comprávamos pipeta, conta-gotas e aquele látex fininho, e se cortava conforme a necessidade. Quase tudo a gente criava, montava, reesterilizava e reaproveitava. [...] Tínhamos uma caixinha metálica com fundo

perfurado que adaptávamos e depois enchíamos com água. Ela possuía uma alavanquinha que a gente fechava, deixava ferver por 30 minutos e depois desligava. Usávamos também uma pinça especial para pescar as peças lá dentro e conectar as seringas. As agulhas deixavam um rombo nos pacientes. Então, nós tínhamos de afiá-las. Eles se queixavam, pois machucava muito.

Para todas as Irmãs enfermeiras, a dedicação aos pobres era o norte de trabalho na missão da Enfermagem. Essa ideia é reforçada pela Irmã Maria Liane – Lucila Flach.

Era tudo muito precário, mas a gente se defendia; sempre se dava um jeito para atender os pobres. Eu achava o máximo poder ajudar tantas pessoas carentes que precisavam. [...] Na Santa Casa, a gente tinha bastante campo de estágio, com todos os tipos de pacientes que recebíamos. Eu fiz o curso gostando muito de ser enfermeira para atender os pobres.

Sobre a Enfermaria da Pediatria, a Irmã Maria Bernadete informa:

Vinham crianças morrendo, desidratadas, fazendo diarreia, vômitos, e as mães não sabiam atender. Não tinha Saúde Pública para acompanhar e orientar as mães. Elas chegavam, e nós já preparávamos os banhos de imersão. Vinham suadas e sujas e saíam melhores. Morriam muitas crianças, mas a gente salvava muitas também. As coisas eram bem primitivas. Deus cuidava para que muitas pessoas não morressem. Fazíamos coisas que uma boa mãe faz para os seus filhos. Então, o campo de estágio na Santa Casa proporcionava uma variedade imensa de situações para se aprender a ser enfermeira.

Na Maternidade, não era melhor a situação, como disse a Irmã Maria Gessi – Maria Scheibel:

[...] havia muitas mães pobres. Então, os médicos sempre conseguiam remédios e panos para essas mães. Muitas mulheres moravam na rua e não tinham nada. Às vezes, elas traziam roupa velha para colocar na criança. Mas, nós sempre conseguíamos roupas para elas. Isso nunca foi problema para nós na Maternidade. Um dia, eu disse para o médico: “Não tem nenhum paninho para enrolar a criança?”. Ele respondeu: ‘Não se preocupe, Irmã’. Ele tirou a blusa dele, e com ela enrolamos a criança.

Na pior das crises (década de 1970), a Irmã Maria Emerita – Círia Rech estava na Santa Casa, como recorda:

A Santa Casa passou por várias crises. Eu estava lá quando aconteceu a pior de todas pelo que eu sei. Faltava tudo mesmo. Para fazer os curativos, nós tínhamos um fogareiro para ferver as gazes sujas que conseguíamos. Naquele tempo, nós dávamos graças a Deus por conseguir um saco cheio de gazes sujas, cheias de sangue. Não me lembro de onde elas vinham, mas aparecia essa doação. Não tínhamos álcool. Usávamos água e sabão; era o nosso serviço.

Nas quatro entrevistas realizadas com a Irmã Maria Lina, suas lembranças afloraram com detalhes sobre as dificuldades que enfrentou na Instituição.

Em 1973, fui atuar na Portaria. Lá foi muito difícil ver a situação dos pobres; foi um pedaço sofrido. Fazíamos o impossível com o mínimo que tínhamos. Mas me sentia gratificada por trabalhar com pobres. [...] Um dia, depois de arrumar 30 pessoas que estavam nos bancos, com colchões e cobertores para passar a noite, fui ao provedor Gert Eichenberg e lhe disse: ‘Alguma coisa tem de ser feita’. Aí ele me deu a Enfermaria 35. Ali ficavam todos os pacientes que não conseguiam vaga. Essa Enfermaria foi um gesto de solidariedade. A dificuldade na Santa Casa sempre foi grande. Nós ainda não tínhamos gaze para os curativos na Enfermaria

17. Lembro que na administração do Jahyr Boeira de Almeida, no Hospital Conceição, nós recebíamos gazes das cirurgias limpas – a cirurgia sem pus. Elas iam para a Lavanderia, onde eram lavadas, dobradas e colocadas em tambores de latão. Depois de esterilizadas, eram usadas para os curativos. Essa grande ajuda, nós tínhamos, porque senão ficávamos rasgando pano velho para fazer curativos. Luvas novas, não conhecíamos. Vinham também luvas do Conceição, que remendávamos para usar nos curativos contaminados e ficávamos muito felizes.

A Irmã Maria Ormindá – Hedwig Petry foi uma das duas últimas Irmãs a saírem da Santa Casa, no início dos anos 2000. Com ela foram realizadas três entrevistas. Da riqueza de detalhes das informações, se recorta:

Não havia quase funcionárias; eram as Irmãs que faziam tudo. Nós éramos muito pobres! A Beneficência, naquele tempo, era rica. Nós íamos lá buscar as gazes e ataduras sujas. Então lavávamos, passávamos e esterilizávamos para servir os nossos doentes.

[...] na crise, a Santa Casa estava muito mal. Às vezes, nós tínhamos mais doentes trabalhando do que funcionárias. Então, os doentes que estavam melhor ajudavam os outros. Quantas pessoas a gente salvava, tanto no corpo como na alma! Muitas foram salvas pelas Irmãs!

Em sua entrevista, a Irmã Maria Régis destacou a importância do trabalho das Irmãs enfermeiras na Santa Casa, apesar das limitações de toda ordem. Disse ela:

As Irmãs Franciscanas fizeram muito pela Santa Casa. A sua importância foi grande, mas o trabalho foi sofrido. Nós não tínhamos o necessário para atender o paciente como ele deveria ser atendido. Faltava medicação, cobertor, faltava isso e aquilo. Agora, a Santa Casa não é mais aquela.

Ousadia e superação traduzem o depoimento da Irmã Maria Anselma – Thereza Elvira Royr:

[...] havia muita pobreza. Faltava material para trabalhar, principalmente no último tempo que eu estava na Santa Casa. Na Beneficência Portuguesa, nossas funcionárias conhecidas mandavam gazes, as chamadas “limpas”, que eram depois lavadas. Elas traziam aqueles sacões para a gente dar aos pobres. [...] Acho que a Santa Casa teve muita dedicação com os doentes pobres. Também foi importante, e continua sendo, para o desenvolvimento cultural, tanto da Enfermagem como da Medicina. As nossas Irmãs eram guerreiras. Nós, que lá lutamos, podemos dizer isso. Digo que as Irmãs tiveram coragem, ousadia e fizeram muito pela pobreza e para não desanimar os doentes.

Trabalhei na Santa Casa de 1957 até 1976. Lá, vivi mais tempo do que vivi em casa. Nunca me esgotei e nunca fiquei estressada. Deixava meu bulezinho de café preto bem forte e tomava de noite. E me sentava na pedra fria, para me animar um pouco e poder continuar. Saí da Santa Casa chorando.

Na Santa Casa, os pobres receberam das Irmãs Franciscanas no cumprimento da missão do cuidado “científico” aos doentes, dedicação, zelo e até suprimento de suas carências materiais, como recordou Irmã Maria Andréa – Irene Tonello: “[...] Por que eu fiquei na Santa Casa? Porque até os mendigos eram bem atendidos.”

Considerações finais

Este artigo focou aspectos da atuação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, dirigidos ao cuidado de doentes pobres, na mais antiga Misericórdia do estado, a de Porto Alegre.

Atuantes na Instituição, desde 1893, elas fizeram a travessia para o século XX, assumindo funções em todas as frentes de trabalho, tendo como alvo, atender bem os pobres doentes.

Para tanto, romperam fronteiras, e após buscarem capacitação, criaram três cursos para qualificar seu corpo de Enfermagem, e também interessados na formação, oriundos de outras instituições e/ou indivíduos que buscavam qualificação profissional na área do cuidado da saúde.

A Escola de Auxiliares (1951-1973), a Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia Ana Moeller (1955-1973) e o Curso de Pós-Graduação em Obstetrícia (1967-1973) proporcionaram reconhecida qualificação, com padrão científico de exigência de estudos teóricos e larga experiência nas práticas de diversas especialidades, em campo pedagógico fértil para o enfrentamento de desafios, sobretudo para pacientes indigentes. Afinal, a Misericórdia acolhia a todos, apesar das crises, das limitações, das carências de infraestrutura e de espaço em suas enfermarias.

Portanto, entre as décadas de 1950 e 1970, professoras religiosas enfermeiras, sobretudo, e alunas, em bom número, fizeram da Santa Casa um centro de ensino de excelência, que formou um grande número de profissionais na ciência da Enfermagem, que permitiu o acesso à saúde, à cura e ao atendimento digno, mesmo nas situações de crise pelas quais a Instituição passou.

Enfim, a história da Enfermagem no Rio Grande do Sul transita pelo complexo hospitalar da Santa Casa de Porto Alegre, desde sua criação até o tempo presente. E ao sediar a criação da segunda Faculdade de Enfermagem no Estado, na década de 1950, através da atuação e dedicado trabalho das Irmãs Franciscanas, é possível verificar a mudança de paradigma no enfrentamento da doença, a partir do cuidado aos pacientes, doravante assentado em base científica, no âmbito da moderna Enfermagem que se impunha no Brasil em meados do século XX. E Porto Alegre inseriu-se no circuito da modernidade hospitalar, através de profissionais que preparou e colocou à disposição da população local, regional, e também de outros estados.

Referências

CAMARGO, Aspásia de Alcântara. O ator, o pesquisador e a História: impasses metodológicos na implantação do CPDOC. In: NUNES, Edson de O. (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Narrativa e História Oral. *Humanas*, Porto Alegre: IFCH/UFRGS, v. 16, n. 1, p. 115-126, jan./jun. 1993.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/ Casa de Osvaldo Cruz/ CPDOC; Fundação Getúlio Vargas, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Loyola, 1996

TOYNBEE, Apud EW, Atelaine M. Normann (Coord.). *Nós e a Legalidade: depoimentos*. Porto Alegre: IEL/AGE, 1991, p. 142.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 4ª capa.

Fontes orais

Entrevistas de Anna Lydia Kipper – Irmã Maria Emey, concedidas a Véra Lucia Maciel Barroso em 28/02/2018 e 04/12/2019.

Entrevista de Ciria Rech – Irmã Maria Emerita, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 28/02/2018.

Entrevistas de Elda Schneider – Irmã Maria Lina, concedidas a Véra Lucia Maciel Barroso em 27/11/2006, 18/12/2006, 30/08/2007 e 22/01/2018.

Entrevistas de Hedwig Petry – Irmã Maria Ormindia, concedidas a Véra Lucia Maciel Barroso em 15/03/2013, 06/08/2013 e 08/08/2013.

Entrevista de Irene Tonello – Irmã Maria Andréa, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 16/01/2018.

Entrevista de Irmina Maria Reck – Irmã Maria Evanir, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 08/11/2017.

Entrevista de Ismelda Maria Freitag – Irmã Maria Bonifácia, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 08/11/2007.

Entrevista de Joséfina Margarida Kloppenburg – Irmã Maria Régis, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 31/01/2018.

Entrevista de Lucia Julita Konzen – Irmã Maria Bernadete, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 08/11/2017.

Entrevista de Lucila Flach – Irmã Maria Liane, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em

31/01/2018.

Entrevista de Maria Scheibel – Irmã Maria Gessi, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 31/01/2018.

Entrevista de Martha Hammes – Irmã Maria Vitalina, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 28/02/2018.

Entrevista de Martha Utzig – Irmã Maria Adélia, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 25/10/2018.

Entrevista de Paula Joanna Heck – Irmã Maria Norma, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 08/11/2017.

Entrevista de Thereza Eleonora Weber – Irmã Maria Adalgisa, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 15/01/2018.

Entrevista de Thereza Elvira Royr – Irmã Maria Anselma, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 31/01/2018.